

O pensamento social da Amazônia no olhar do intelectual Araújo Lima

Joyce Karoline Pinto Oliveira Pontes¹
Universidade Federal do Amazonas

Aldrin Bentes Pontes²
Universidade do Estado do Amazonas

Resumo

Este artigo propõe abordar de maneira descritiva questões relacionadas à vivência e pressupostos teóricos de Araújo Lima, e outros intelectuais que fizeram parte do desenvolvimento da Amazônia, apesar dele ter sido tardio. Na perspectiva de contribuir em questões como o homem em face da história, da natureza, da família e das condições climáticas, é que o artigo se caracteriza sobre as influências teóricas de sua carreira e na sequência, um esboço das implicações metodológicas decorrentes de suas experiências de campo na Amazônia.

Palavras-Chave: Amazônia; Araújo Lima; Pensamento Social da Amazônia.

Abstract

This paper proposes a descriptive way to address issues related to the experience and theoretical assumptions of Araújo Lima, and other intellectuals who were part of the development of the Amazon, despite it being late. In order to contribute to issues such as man in the face of history, nature, family and climatic conditions, is that the article characterized the theoretical influences on his career and following an outline of the methodological implications of their experiences field in the Amazon.

Keywords: Amazon; Araújo Lima; Social Thought from Amazon.

Introdução

Destacar o papel da Amazônia para a população a partir de concepções do cientista social José Francisco de Araújo Lima, bem como suas contribuições no campo das Ciências Sociais, foi objetivo do artigo.

Na personalidade de Araújo Lima, constatou-se uma história que revela os primeiros passos de desenvolvimento da região Amazônica. Uma personalidade que viu a contemporaneidade como objeto de estudo, podendo ser analisada a partir de vieses do movimento de formação do pensamento brasileiro. “O pensamento social da Amazônia não é

¹ Doutoranda em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas.

² Mestrando em Direito Ambiental, Universidade do Estado do Amazonas.

um eco de vozes que emudeceram. Nas vozes dos autores passados o tempo dilata-se na projeção das relações sociais do presente” (RIBEIRO, 2012, p. 17).

Araújo Lima foi relevante cientista social da Amazônia que nasceu em Muanã, Ilha de Marajó, Estado do Pará, mas sua permanência é voltada ao Amazonas. Formado na Faculdade de Medicina de Paris, com estágio no *Institute Pasteur*, graduou-se médico também pela faculdade do Rio de Janeiro. Em Manaus, teve laboratório, fez pesquisas, escreveu para congressos científicos e foi prefeito da cidade de Manaus em dois mandatos.

Araújo Lima, assim como Leandro Tocantins e Euclides da Cunha, pensou o Brasil e a Amazônia a partir de planejamentos dirigidos. Em suas avaliações, Lima aponta que existe uma opinião crítica, precipitada, tumultuosa, claudicante pela deficiência de análise e observação, o que gera “oscilação sempre, ao se definir a região amazônica, entre os arroubos de exaltação otimista e os libelos de um pessimismo fulminador” (LIMA, 1945, p. 47).

As doenças são outros pontos mal vistos por quem visitava a Amazônia; Araújo Lima entendia bem do assunto, haja vista que era médico. E com a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré em Rondônia no período de 1907 a 1912, os operários adoeceram e ficavam bastante fracos. As doenças tropicais da região foram os maiores adversários desses trabalhadores: febre amarela, implaudismo, beribéri e outras infecções, tiraram a vida de milhares de operários. Mas o meio ambiente causa as doença?

Essa era uma inquietação dos visitantes à Amazônia e até mesmo dos trabalhadores, por isso Araújo Lima, especialista no assunto, dizia que a malária é um mal que poderia ser evitado no Amazonas se campanhas de saneamento básico fossem executadas, pois a hanseníase e malária foram as doenças que mais afetaram a população amazônica na década de 1980. Ele expôs dessa forma a situação, porque os detratores achavam que as doenças apareciam devido as imperiosas causas telúricas ou climáticas. “Moléstia propagada por idêntico mecanismo de transmissão, a febre amarela foi extinta no Amazonas, em menos de um ano de campanha de saneamento, depois de haver lá grassado por muitas décadas” (LIMA, 1945, p. 104).

E assim destruíram o flagelo e com ele a lenda que o atribuía à influência do meio ambiente. Ficou então bem compreendido que o mal curava com a mudança de residência porque, conseqüentemente, se operava então a mudança de regime alimentar (LIMA, 1945, p. 105).

Em 1908 foi construído o Hospital da Candelária, o maior centro especializado em doenças tropicais do mundo. O médico sanitarista Oswaldo Cruz, esteve visitando as obras da ferrovia em 1910 e ficou muito impressionado com o hospital. “A administração norte-americana lá instalou o Hospital da Candelária, que combateu a beribéri e o paludismo; com alimentação apropriada e com quinina suficiente, foram conjurados os dois males” (LIMA, 1945, p. 105).

Outra situação que ocorreu foi de que o solo quem exercia uma ação danosa sobre a vida, mas o anátoma foi destruído, onde a distribuição das afecções chamadas tropicais não é, pois, regulada pelas condições atmosféricas nem telúricas, Lima (1945) explica que decorre da biologia de certos seres animais, veiculadores dos germes patogênicos, e cuja existência pode ser cercada ou dilatada pelo próprio homem.

Nordestino se faz seringueiro

Araújo Lima pôde ver de perto a imagem expressiva da sociedade torturada, que moreja nas paragens dos seringais, é o homem que trabalha para escravizar-se, como destaca Euclides da Cunha, é um conjunto social de exploração, que é característica do capitalismo e moradia humilhante,

Fui hóspede, há cerca de trinta anos, de um dos maiores proprietários do interior, dono de três grandes seringais e árbitro do comércio de uma dilatada zona do Alto Purus, cuja instalação de moradia e de negócio era precaríssima: casa coberta de palha, paredes e soalho de paxiúba (com tábuas levemente convexas e mal aparelhadas), serviço doméstico humílimo e passadio deficientíssimo (LIMA, 1945, p. 91).

As imagens (figura 1 e figura 2) demonstram como eram as moradias durante o período Áureo da Borracha, trata-se de um cenário criado para a produção do filme “A selva”, que conta a história de seringueiros que fizeram parte da história do Amazonas e atualmente este espaço é conhecido como Museu do Seringal, um local que atrai turistas de todos os lugares do Mundo.



Figura 1: Réplica da casa no seringal.
Fonte: Joyce Karoline Pontes (2013).

Os seringueiros faziam parte de uma sociedade abandonada, que viviam em uma prisão sem muros e suas dívidas nunca eram saldadas. Por isso, o nordestino nos sertões amazonenses fez-se seringueiro, só seringueiro e nada mais. E, no alvoroço de ambição de posse, crendo descobridor daquelas plagas, disputou ao estrangeiro invasor uma imensa faixa de terras, desertas, mas encarecidas por encerrarem em Seu seio úmido as minas de “ouro líquido” (LIMA, 1945, p.52).



Figura 2: Leite da Seringueira – Ouro Líquido.
Fonte: Joyce Karoline Pontes (2013).

A população amazonense funda-se, pode-se dizer, no século XVIII, onde há o nordestino e o indígena, “Se o caboclo é indolente, é inerte, é apático; se não tem atividade,

nem iniciativa, nem aptidão para o trabalho, é porque se nutre mal, assimila insuficientemente, realiza um regime alimentar deficitário [...]” (LIMA, 1945, p. 59).

Por volta de 1914 houve uma decadência da borracha, até aproximadamente 1922, e com isso, a Amazônia foi “vendida” pelo Governo Federal aos Estados Unidos da América, que utilizava a borracha na fabricação de pneus de aviões, a partir da vulcanização. Posteriormente a Amazônia volta a pertencer ao território brasileiro é criado o Banco da Amazônia.

A tarefa de montagem de um esquema global de desenvolvimento da Amazônia envolveu a reformulação de mecanismos anteriormente criados, agora avaliados como inadequados; O Banco de Crédito da Amazônia e a Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia. O esquema concebido se assentava num tripé: O Banco da Amazônia, a SUDAM e a Zona Franca de Manaus. O Banco da Amazônia substituiria o desacreditado Banco de Crédito da Amazônia, passando a exercer funções de banco regional, depositário de incentivos, a exemplo do Banco do Nordeste (SILVA, 2000, p.18).

Com o passar do tempo em aproximadamente 1960, surge a Zona Franca de Manaus, que tinha e até nos dias atuais pretende-se estabelecer o desenvolvimento da Amazônia, mas não foi fácil, porque antes desse período o ponto de vista dos viajantes, era de uma terra calorosa, com monstruosidades e sombria. Essa terra não é inferno nem paraíso; não é terra misteriosa nem terra paradoxal: é simplesmente um aterra latismavelmente fraudada e saqueada (LIMA, 1945, p. 51). A Amazônia se torna uma nova rota para o comércio das especiarias. A descrição da fauna (animais) é requintada: os unicórnios têm pelos de búfalo, pés de elefantes, no meio da testa possuem um chifre preto e grosso, mas não é com ele que atacam a presa.

Essa descrição é um dos exemplos dos relatos feitos pelos viajantes. Quando Francisco de Orellana desceu o rio em busca de ouro, descendo o Andes em 1541, deparou-se com as índias Icamiabas. Logo, o nome Amazônia, deriva das amazonas, mulheres guerreiras da mitologia grega.

O viajante e naturalista francês, Buffon, constata nas suas anotações que os animais da Amazônia são diferentes entre dois mundos e que devido às questões climáticas, em alguns locais as árvores cresciam gigantescas e a umidade com o calor produzia répteis gigantescos e insetos vorazes.

O primeiro documento que se conhece sobre a penetração do maior rio da Amazônia, foi redigido pelo Frei Gaspar de Carvajal, obedecendo às ordens de Francisco Orellana no

período de 1541-1542. Com isso, o brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira saiu do Brasil e foi estudar na Faculdade de Filosofia de Coimbra, veio de lá para o Alto Solimões no Amazonas, onde pôde manter contato com vários indígenas e constatou em seus relatos que os índios eram vistos de duas formas: Sua mão de obra era utilizada pelos colonos e missionários, e logo depois passaram a receber ordens dos seus diretores, mas nem por isso deixaram de ser livre, isso no governo de Marquês de Pombal.

O Velho Mundo para o viajante *La Condamine* é a Europa e o Novo Mundo é a Amazônia, ele veio à Amazônia a Serviço da Academia de Ciências de Paris. Neide Gondim, conta ainda que a Amazônia não foi descoberta por acaso, esse termo foi intitulado com a chegada dos portugueses ao Brasil. Portanto, A invenção da Amazônia se deu a partir das ideologias desde a escritura. O olhar do viajante em sua maioria é preconceituoso, onde os nativos são agentes que desarmonizam a ordem social instalada pelo homem branco.

A Amazônia estava estruturada no ciclo da borracha. A falta de oportunidade de trabalho e de desenvolvimento da região, fez com que muitos entrassem em desespero. Após a Revolução de 1930, o trabalho passou a ser valorizado, mas a vigência das leis de proteção não atingiu bem a região amazônica. Somente com o governo de Castelo Branco, o desenvolvimento da Amazônia ganhou corpo, através da criação em 1966, da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), uma autarquia do governo federal do Brasil.

Para Djalma Batista, quem mais sofreu com o choque cultural trazido pelos colonizadores, foram os indígenas da região, houve mudanças no trabalho e hábitos alimentares, assim como a imposição de novas crenças. A cultura tem vantagens no cultivo de alimentos como a mandioca, mas também possui desvantagens, pois a população não comia alimentos ricos em vitaminas. Apesar dos viajantes terem visitado a Amazônia a partir do século XVI, Djalma pontua que a natureza amazônica não está suficientemente conhecida e estudada. Em sua verdade, a região é mal vista, pouco conhecida, erroneamente interpretada (LIMA, 1945, p.47).

A Amazônia é considerada para Araújo Lima (1945) como o Reino das Naídes,

[...] personificação dionisíacas com que o panteísmo de Martius, numa evocação mitológica, batizou as espécies primaciais da flora amazônica, para dar à natureza selvática o perfume suave dos mitos helenos, com as criações fabulosas, filhas de Zeus, moradoras nas florestas magníficas (LIMA, 1945, p.48).

De acordo com Scherer (2012) em termos econômicos, um novo princípio em meio ambiente tem sido discutido como alternativa para a manutenção dos serviços ambientais de diversos ecossistemas, o princípio do protetor-recebedor (os outros dois princípios são poluidor-pagador e usuário-pagador). Portanto se faz considerada a necessidade de incentivar a pesquisa científica e tecnológica.

E hoje no século XXI, existe a Fundação de Amparo e Pesquisa da Amazônia (FAPEAM), Fundação Amazonas Sustentável (FAS), Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI) e as secretarias de meio ambiente estadual e municipal, assim como os ministérios federais que atuam nesse segmento, de investir de fato no incentivo às pesquisas. Então, já houve uma grande mudança nesse aspecto.

Considerações

Portanto, Araújo Lima foi um agente público nas lutas da região Amazônica, principalmente nos aspectos da saúde, educação e questões administrativas políticas ao assumir a Prefeitura de Manaus. Um dos primeiros a escrever sobre a sociologia da Amazônia, pontuando a problemática do preconceito e o atraso da região, para reabilitar a Amazônia perante os visitantes que a viam como um obstáculo de sobrevivência devido o clima e a civilização que se fazia presente na época. Além dele, outros intelectuais como Djalma Batista, Leandro Tocantins, Euclides da Cunha, pretendiam que a Amazônia se tornasse desenvolvida.

É importante ressaltar que Lima deixou um legado que até hoje faz parte das Políticas Governamentais, mas que infelizmente é o grande percalço não só da sociedade amazônica. Percebe-se que a Amazônia foi e continua sendo um grande cenário de curiosidade. A floresta Amazônica foi pré-selecionada em 2008 como candidata a uma das novas sete maravilhas da natureza, pela Fundação Sete Maravilhas do Mundo Moderno. A produção intelectual dos viajantes é bastante heterogênea e as observações realizadas por esses viajantes pautam-se primordialmente em um pensamento de tipo geográfico, onde envolvem as bacias hidrográficas, a fauna e flora, as diferentes raças, elaboração de teorias gerais da geologia ou até mesmo geográficas, portanto, serviu e continua servindo de base para os estudos que os pesquisadores vêm desenvolvendo na atualidade, sobre a região amazônica.

A borracha também que antes só beneficia os grandes senhores e principalmente os estrangeiros, hoje passou a ser utilizada na geração de emprego e renda para a população amazonense, exemplo disso é a fábrica *Levorin*, a única no mundo a fazer pneu com a borracha natural da Amazônia, apesar do Estado de São Paulo ser o maior produtor nacional de borracha. Hoje a empresa faz parte de um projeto de agricultura familiar. "O desenvolvimento da ciência na aplicação de novos materiais na indústria automobilística potencializou as forças produtivas, e a produção de riqueza foi extensiva à toda cadeia do setor"(SILVA, p.7).

Por fim, Araújo Lima propôs uma solução para melhorar tal situação, como a criação de infraestrutura para melhorar a vida e o desenvolvimento da população da Amazônia e atualmente a sociedade pode visualizar através da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa). Finalmente, durante o processo de construção do artigo, procuro orientar para as práticas de aprendizagem sobre a Amazônia, onde as mudanças ocorridas promoveram transformações sociais e econômicas sobre a região.

Referências

BATISTA, Djalma. *O complexo da Amazônia*. 2 ed. Manaus: Editora Valer, 2006.

CARVALHO Jr. Almir D. **A invenção do índio da Amazônia nos relatos da Viagem Filosófica (1783-1792)**. In: *A Amazônia dos viajantes. História e Ciência*. Manaus: EDUA/FAPEAM, 2011. Pp. 33 a 104.

GONDIM, Neide. **Invenção da Amazônia**. Manaus: Ed. Valer, 2007.

LIMA, Araújo - **Amazônia: a terra e o homem**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1945.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. **Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Marco Zero. UFRJ, 1987.

ORTIZ, Renato.(Org). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1994.

RIBEIRO, Odenei de Souza. Tese de doutorado. Título: **Tradição e Modernidade no Pensamento de Leandro Tocantins**. Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Brasil. Ano de obtenção do título: 2012.

SCHERER, Elenise Faria e SILVA, Glaubécia Teixeira. **Pagamento por serviços ecossistêmicos: as limitações e equívocos dos instrumentos econômicos de valoração da natureza**. Revista Somanlu, ano 12, n. 1, jan./jun. 2012.

SILVA, Marilene Corrêa da. **Metamorfoses da Amazônia**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000.

TOCANTINS, Leandro - **O rio comanda a vida: urna interpretação da Amazônia**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1973.